

- Goius, n. h., 1258. Inq. 312, 1.^a cl.
 Goirigo, n. h., 993. Doc. most. Moreira. Dipl. 103.
 Goivas e Gouvas, geogr., 1200. Inq. 128, 2.^a cl.
 Golanes, geogr., 1014. L. D. Mum. Dipl. 138.—Id. 334.
 Goldara, n. m., sec. xv. S. 299.
 Goldares e Goldres, app. h., sec. xv. S. 164.
 Goldarez, app. h., sec. xv. S. 299.
 Golderegodo, n. m., 1100. L. Preto. Dipl. 553.
 Golderes, app. h., 989. Dipl. 98.
 Goldoauo, n. h., 1089 (?). Doc. most. Moreira. Dipl. 433.

(*Continua*).

A. A. CORTESÃO.

Miscellanea

I

1. Uma raridade taumachica

«O sr. Antonio Luis Gonçalves enviou-nos um bilhete de touros, da antiga praça do Salitre, que tem um seculo, pois data de 1805,



para ser vendido a quem mais der, e o preço offerecido ser applicado em beneficio da viuva de um major do exercito, que não tinha montepio, por exceder a idade quando foi promovido a official.

Aqui damos hoje o fac-simile do bilhete, ficando o original nesta redacção para ser visto e adjudicado a quem der maior lance».

(Diario de Notícias, de 27 de Agosto de 1905)

2. Castello da Feira

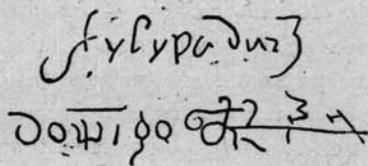
Importante descobrimento

«O castello da villa da Feira é um dos mais característicos monumentos do nosso país.

No dia 6, andando a passear no castello, dois apaixonados d'elle, os Srs. Drs. Gonçalves Coelho, autor de uma importante monographia em parte inedita sobre os condes da Feira, e Vaz Ferreira, que solicitou do Sr. Conde de Paçõ Vieira, quando Ministro das Obras Pu-



Castello da Feira



A inscripção

blicas, um subsidio para reparações urgentes na cortina externa do castello, conseguiram ler as inscripções lavradas na cantaria da porta de saida do caminho coberto.

Parece que são as assinaturas de dois architectos que trabalharam na ultima reconstrucção do castello e que devem dizer:

FYLYPO DIAZ

DOMIGO

seguida esta ultima palavra de um monogramma indecifrado por enquanto.

Sobre a porta chamada dos campos ou da traição tambem descobriram os mesmos senhores a data de 1385, em pedra que se afigura mais antiga do que a cantaria adjacente. Deve ser a data da tomada

do castello pelos do Porto, quando se alastrava pelo pais a consequencia da heroica batalha de Aljubarrota.

Na reconstrucção, sem duvida posterior, foi muita pedra aproveitada e por certo conservada no seu proprio lugar essa data historica.

Bom será advertir que formulamos simplesmente hypotheses.

Consta-nos tambem que se está organizando na villa da Feira uma sociedade com o fim de reunir iniciativas particulares para fomentar e coadjuvar a conservacão do Castello da Feira, chamando assim a attenção dos governos para esses padões gloriosos da nossa historia e das passadas grandezas que são a consubstanciação das tradições patrioticas».

(*Diario de Noticias*, de 9 de Agosto de 1905).

Nota.—As inscripções traçadas em letras de cursivo gotico do sec. XVI devem ler-se *fylype diaz* (ou *dominguez*) e *domingos talvez gonçalvez*. São evidentemente sinaes de dois canteiros.

3. Achado de moedas portuguesas

«*Achado valioso.*—Uns *farazes* (casta infima) encontraram numas escavações, em Pernem (India Portuguesa), algumas moedas de ouro, que passaram aos ourives da localidade, os quaes não tardariam por certo em transformar o precioso achado em brincos e pulseiras, se a autoridade não interviesse a tempo de apprehender seis d'essas moedas, que hão de ser de incalculavel valor historico e muito apreciadas pelos apaixonados pela numismatica».

(*Jornal das Colonias*, de 23 de Setembro de 1905).

4. «O Memorial das moedas» de Fr. Francisco de Santa Maria

No Archivo Nacional encontra-se um codice, que ali tem hoje o numero 823, o qual se intitula: *Obras do Padre Mestre Fr. Francisco de Santa Maria Lisbonense Augustiniano Provincial que foy desta Provincia e acabou em 9 de Novembro de 1743 e falleceu em 12 de Janeiro de 1745 annos.* Entre os trabalhos que naquelle codice se encontram, relativos na maior parte á ordem dos Agostinhos, e que não aponto, menciono o *Memorial das moedas de ouro, prata e cobre que tem corrido neste nosso Reyno desde a sua origem athe agora* (Fl. 209 a 218). Esta memoria encontra-se impressa na *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, tomo IV, publicado em 1738, ainda em vida portanto de Fr. Francisco de Santa Maria. O texto manuscrito é tra-

çado com letra elegante e de facil leitura; as notas, porém, que o acompañham e que me parecem da mão do augustiniano, são de leitura mais demorada, devido em parte á meudeza dos caracteres e em parte á tinta amarellada, de que se serviu. O texto manuscrito não representa inteiramente, o que está impresso, por isso que algumas palavras foram substituidas e algumas construcções grammaticaes foram transformadas. Tambem no impresso entraram algumas das notas, que achamos no exemplar manuscrito. Em geral a memoria, que vem impressa na *Historia Geneologica*, é mais completa e mais abundante em noticias de moedas, do que a de que dou conta.

Claramente se vê que o manuscrito é o trabalho primitivo, que, refundido e ampliado com as noticias que ia colligindo Fr. Francisco de Santa Maria, foi por este depois offerecido a D. Antonio Caetano de Sousa para a vasta obra, que o douto academico levou a cabo.

PEDRO A. DE AZEVEDO

II

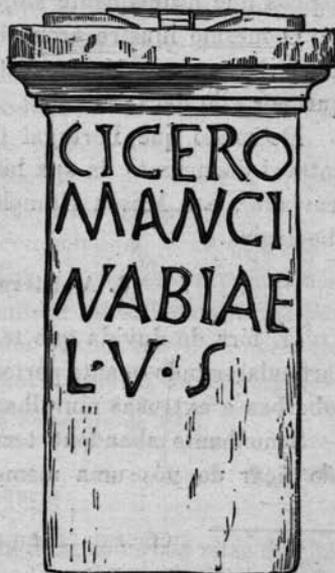
1. A deusa Nabia

N-O *Arch. Port.*, VI, 105 e 134, fala-se de uma inscripção consagrada á deusa NABIA, apparecida em Pedrógão Pequeno, concelho da Sertã. Ella tinha já sido publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5623, e tornou-o a ser por mim nas *Religiões da Lusitania*, II, 277.

Imaginava eu perdida a lapide respectiva, mas felizmente não o está.

Tendo ido a Pedrógão o Sr. José de Almeida Carvalhaes, Preparador do Museu Ethnologico, o Sr. Dr. F. Alves Pereira, Official do mesmo, incumbiu-o de ahi a procurar, o que elle fez com tanto desvelo, que não só lhe descobriu o paradioiro, mas a adquiriu para o Museu Ethnologico, onde hoje occupa logar entre outras lapides consagradas a divindades lusitanicas.

Como ainda não havia desenho da pedra, aqui a represento na figura junta, da qual se vê que as lições dadas até agora estão correctas. Na 3.^a



linha ha realmente os pontos que se vêem no original, e que já foram indicados num dos citados passos d-*O Archeologo*.

A inscripção está gravada em uma arazinha de granito de 0^m,70 × 0^m,28 × 0^m,20; a altura das letras oscilla entre 0^m,06 e 0^m,07. A parte superior, ou cornija, está quebrada em alguns pontos; foi restaurada no Museu com gesso e pintada da côr do granito.

2. Pátera de prata

Lembrar-se-hão acaso os leitores de haverem lido n-*O Arch. Port.*, ix, 136, nota 2, que o Dr. Teixeira de Aragão possuia um bellissimo fundo de pátera lusitano-romana, no qual se via esculpida uma figura, e gravada uma inscripção,—objecto apparecido ao pé do castro de Alvarelhos, em terra da Maia ¹.

No artigo em que se diz isto, dizia-se tambem que Aragão o cedêra a um antiquario de Paris, em cuja casa eu o procurára em vão, pois que elle, quer por equivoco, quer por conveniencia propria, me affirmára tê-lo enviado para a America do Norte.

Havia eu perdido completamente a esperanza de o reaver, ou ao menos de o tornar a ver, quando se me deparou o bom ensejo de o encontrar em Madrid, em Março de 1905, em casa de um archeologo amigo meu, por occasião de este me mostrar alguns objectos archeologicos que ultimamente adquirira.

O mesmo illustre archeologo levou a sua amabilidade a ponto de me ceder para o Museu Ethnologico o cubiçado objecto pelo preço que por elle dera.

De modo que Portugal foi, por assim dizer, reembolsado de um notavel documento da sua historia antiga (documento que andava extraviado), e o Museu Ethnologico ficou possuindo mais uma joia archeologica.

3. A cisterna do Castello de Lamego

«É fóra de duvida que tende a desapparecer sob a acção e cubiça particulares tudo quanto pertencia á antiga fortaleza do Castello, d'essas soberbas e extensas muralhas de Lamego.

Semelhante abandono tem muito de criminoso, e bom seria, para não ficar de nós uma memoria tristissima, que se dispensasse um

¹ Cf. tambem *Religiões da Lusitania*, II, 310, onde se publica um desenho d'este objecto, extrahido das *Noticias de Portugal* de Hübner.

póuco de carinhosa attenção a tudo quanto atteste a origem d'esta cidade.

Salte-se á frente da destruição e salve-se ao menos e conserve-se o pouco que resta d'esse vasto monumento de pedra.

Uma camara qualquer, de tempos que se perdem na memória publica, praticou o grávissimo erro de consentir que um particular fechasse a cisterna num seu quintal! Com condições, sim, para não ser vedada a entrada ao publico, mas permittindo ao mesmo tempo a vedação de um alto muro, com porta, fechadura e chave, ficando esta na exclusiva posse do dono do predio.

Isto com o andar dos tempos esquece, e a prova é que a gente moderna desconhece quasi por completo que a cisterna é da cidade e que cada qual a póde ir ver quando muito bem quiser, sem ter de dever favores a ninguem.

Mais um geito do tempo, e aquella soberba obra, na mão de futuros donos do predio, arrisca-se a ficar perdida, sem haver quem tire contas de tamanha barbaridade.

O que a cisterna lucrou de estar ha tantos annos sob a posse e guarda de um particular é ter servido para deposito de entulhos de obras de toda a casta.

E ninguem se resolveu até hoje a olhar por isto e a evitar o vandalismo!

A camara praticaria um acto altamente sympathico se desfizesse por completo a asneira, feita em tempos remotos.

A cisterna é obra para ser mostrada aos que visitem Lamego, mas não emquanto a abobada lhe servir de malhadouro e o interior de deposito de entulho.

Já que muito se deixou perder, ao menos, — por amor á origem d'esta terra, — defenda-se e conserve-se o pouco que resta.

Para isso só a camara tem força e competencia, e se resgatar a cisterna, pondo-a em condições de ser visitada sem desdouro para nós, fará um serviço do agrado de toda a gente e especialmente das pessoas que tem no maior apreço, por saberem quanto valem na archeologia, estes restos que attestam a remotissima infancia de Lamego».

D-O Progresso (Lamego) n.º 1:066, de 9 de Setembro de 1905.

4. Museu de Artilharia

«Neste Museu deram ha pouco entrada duas soberbas telas de Condeixa, que não sómente honram o seu autor, como aquelles que tem contribuido para auxiliar os artistas portuguezes.

Bom seria que a iniciativa particular secundasse os esforços dos que tentam tornar conhecidos não só os nossos artistas, como as preciosidades historicas, que representam epochas brilhantes do nosso passado.

Dirigindo o Museu acha-se o Sr. General Pedro de Alcantara Gomes, que é um dedicado successor do general Castel-Branco e que, com igual perseverança, continúa a valiosa obra do seu antecessor e dedicado amigo.

O governo hespanhol acaba de louvar por ordem real o antigo official de infantaria D. Affonso de Borbon y Borbon, grã-cruz de Christo e Avis de Portugal, por ter offerecido ao Museu de Artilharia, d'aquelle país, valiosos espécimes de uniforme e armamento que pertenceram a seu pae o infante de Hespanha e capitão general dos seus exercitos, D. Sebastião de Borbon y Bragança.

Oxalá este exemplo servisse de incentivo, no nosso país, a tantos que poderiam aumentar o esplendor do nosso Museu de Artilharia».

(*Diario de Noticias*, de 1 de Outubro de 1905).

5. Duas raridades bibliographicas

Adquiri ultimamente dois opusculos numismaticos que se referem ao nosso país, e que supponho raros. Eis os seus titulos:

1) *Essai d'attribution de quelques monnaies ibériennes à la ville de Salacia*, par J. Zobel de Zangróniz, 16 p., e uma estampa. No fim da p. 16 tem a seguinte indicação: *Paris.—Imprimé par E. Thunot et C^e, 26, rue Racine.*

2) *Attribution d'une monnaie inédite à Serpa (Espagne Ulérieure)*, 12 p., com uma vinheta a p. 2, assinado pelo mesmo autor no fim, e com a referida indicação typographica.

Ambos estes folhetos são separatas da *Revue Numismatique*, respectivamente do t. VIII (1863), p. 369-382, e do t. IX (1864), p. 237-248. A sua raridade está nisso, pois de certo foi pequena a edição que se fez d'elles; como porém nem toda a gente dá apreço á bibliographia numismatica, já se vê que esta raridade é meramente relativa.

Ao assunto tratado nos dois trabalhos supramencionados corresponde o de que me occupei n-*O Archeologo*, VI, 83-84 (moedas de Salacia)¹, e 88 (moeda attribuida a Serpa), com as respectivas estampas.

¹ Aproveito a occasião para fazer uma correcção ao texto da p. 83: linha 5-8, onde se lê *-on* leia-se *-om*; e linha 20, onde se lê *Evion*, leia-se *Eviom*.

6. Congresso de Périgueux

«Em um congresso archeologico, recentemente realizado em Périgueux, França, foi Portugal dignamente representado pelo nosso compatriota Sr. Tavares de Proença Junior, delegado do Instituto de Coimbra, no mesmo congresso.

O Sr. Tavares Proença apresentou uma interessante memoria sobre dois monumentos megalithicos que encontrou nas proximidades de Castello Branco, que pelo congresso foram consideradas verdadeiras preciosidades archeologicas, apreciando-as pelas photogravuras que acompanham o trabalho do nosso joven e illustrado compatriota, e concordando com as conclusões que o mesmo expunha.

Um outro trabalho que o mesmo senhor apresentou ao congresso, com referencia a um illustre homem de sciencia que foi uma das glorias da França, provocou dois brilhantes discursos de sabios franceses presentes, que, tendo já visitado Portugal, conservam grata recordação da fórma cavalheirosa porque aqui foram tratados, e calorosamente se referiram a Portugal, ás suas glorias, á sua civilização actual e á fidalguia innata dos seus habitantes.

Registamos com satisfação este facto, não sómente como honroso para nós, mas principalmente como digno de louvor para aquelles que concorrem, como o Sr. Tavares de Proença acaba de fazer, para que lá fóra sejamos conhecidos e apreciados por esta fórma».

(*Diario de Noticias*, de 6 de Outubro de 1905).

*

Os trabalhos que o Sr. Tavares Proença apresentou ao congresso intitulam-se respectivamente:

Notice sur deux monuments épigraphiques, Coimbra 1905, 14 p., e 2 estampas.

Camillo Castello Branco e Gabriel Mortillet, Coimbra 1905, 14 p.

Na primeira d'estas monographias dá o A. noticia de dois interessantes monólithos insculpturados, que appareceram nos arredores de Castello-Branco, um dos quaes mede 1^m,63 de altura e o outro 2^m,22. O A. pergunta a que epoca pertencem e o que significam. A resposta é certamente difficil de dar com exactidão; mas talvez não se erre muito comparando-os com alguns dos monumentos de Körösbánya, Croizard, Épône, Dampmesnil, Kivik, Bohuslän, Gavr'inis, Collorgues, Calmels-et-le-Viales, Saint-Sernin e outros congeneres. Vid. a respeito d'elles: Hoernes, *Urgeschichte der bildenden Kunst*, Vienna 1898, pp. 218, 243,

371, 379, 389; e G. & A. de Mortillet, *Musée Préhistorique*, 2.^a ed., Paris 1903, est. LXIV e LXV.

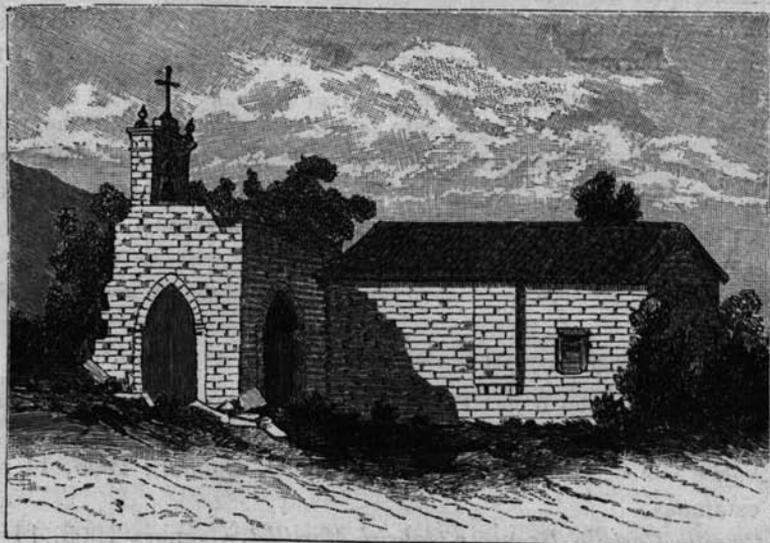
Na segunda monographia, o Sr. Tavares Proença reproduz o que acêrca de Gabriel de Mortillet dissera Camillo Castello Branco no opusculo que escreveu em 1884 sobre o general Carlos Ribeiro (cf. *O Arch. Port.*, x, 157).

J. L. DE V.

III

Ruínas medievas

A gravura, que acompanha estas breves palavras, foi aberta por um desenho que algum amigo do *Archeologo* nos enviou, mas de que se extraviou o respectivo titulo. Não tem sido possível, por quaesquer documentos particulares, descobrir a que edificio ou sequer provincia pertencem aquellas ruínas.



Vêm-se dois corpos de edificio, um d'elles com duas portas ogivae e encimado por sineira, de epoca recente.

É pouco crível que esta parte das ruínas seja transepto de igreja, como poderia parecer em consequencia do angulo recto que a sua planta faz com o outro corpo mais extenso e aparentemente desco-roado. Neste vê-se o trasfogueiro saliente do que presumo ser uma chaminé, pousada em tres cachorros. Seria acaso habitação transformada em templo. A construcção é certamente medieval.

Se algum leitor do Archeologo acaso reconhecer estas ruínas, mais alguma cousa poderemos dizer, que agora ficou desgraçadamente na lista das possibilidades. Para os nossos amigos pois appellamos.

Novembro de 1905.

F. ALVES PEREIRA.

Bibliographia

Deux mots à propos du livre de Mr. Georges Engerrand.

Six leçons de Préhistoire, — por J. F. Nery Delgado. Extrait du tome VI des *Communications* du Service Géologique du Portugal.

Neste seu opusculo defende-se, com toda a razão, o nosso illustre geologo das accusações que o Sr. Engerrand, baseado em palavras do Sr. Hervé, indirectamente fizera ao nosso país, de que os restos osseos achados na gruta prehistorica da Furninha, de Peniche, pertencentes a cento e quarenta individuos, tinham sido perdidos para a sciencia. Diz o Sr. Delgado:

«... la grotte de Furninha c'est moi qui l'ai explorée et en outre je l'ai décrite, et à ma connaissance personne avant moi n'y avait fait des fouilles; ainsi, les amabilités qui précèdent me sont directement adressées, bien que, j'aime à le croire, à l'insu de celui qui les a écrites. Je conserve, pourtant, une vague idée que l'impression produite parmi tous les membres du Congrès préhistorique de Lisbonne, par la lecture que j'ai faite de ma description de Furninha, a été bien différente de celle qu'a reçue Mr. Hervé et à ce qu'il paraît aussi Mr. Engerrand. C'est une faible compensation peut-être, mais elle me suffit, car je garde la conviction que j'ai toujours travaillé honnêtement et consciencieusement.

La bibliothèque du Service géologique, qui est à ma disposition comme directeur de ce Service, n'est pas assez riche en publications du Préhistorique pour que j'aie réussi à découvrir la citation de Mr. Hervé dans les volumes que j'ai pu consulter, de sorte que je ne sais pas si c'est à Mr. Hervé ou bien à Mr. Engerrand que je dois adresser mes remerciements.

Toutefois, comme dans la description de la grotte de Furninha, j'ai indiqué l'existence du même nombre de 140 individus dans le dépôt supérieur de la grotte, il ne me reste point de doute que c'est dans cette description que Mr. Hervé, et après lui Mr. Engerrand, ont puisé les arguments qu'ils gardent dans leur poche, pour m'adresser des reproches si durs.

En effet, j'ai écrit (*Compte-rendu de la 9^{me} session du Congrès préhistorique à Lisbonne, 1880*):

«Il faut avant tout savoir que le dépôt supérieur de cette grotte fut entièrement extrait, et la grotte elle-même presque complètement vidée; tous les os qu'elle contenait ayant donc pu être pris en considération, j'ai pu dresser un tableau donnant le nombre d'exemplaires de chacun des différents os recueillis». (Pag. 216).